

A REALIDADE DO PURGATÓRIO

“Todo aquele que o Pai me dá virá a mim, e o que vem a mim eu não lançarei fora, porque eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu, mas os ressuscite no último dia. Esta é a vontade do meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna. E eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,37-40).

É necessário entender que a realidade do purgatório é consequência da infinita misericórdia de Deus, que vai além de todos os nossos limites, além desta terra. Na eternidade nós também somos objetos da misericórdia de Deus.

A existência do purgatório é indicada na própria Palavra de Deus, ainda no Antigo Testamento, no livro da Sabedoria. Pena que os nossos irmãos evangélicos não tenham entre os seus escritos canônicos esse livro. Ele nos diz claramente:

As almas dos justos, porém, estão na mão de Deus, e nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; sua saída do mundo foi considerada uma desgraça e sua partida do meio de nós, uma destruição, mas eles estão na paz. Aos olhos humanos parecem ter sido castigados, mas sua esperança é cheia de imortalidade. Tendo sofrido leves correções, serão cumulados de grandes bens, porque Deus os pôs à prova e os achou dignos de si. Provou-os como se prova o ouro na fornalha, e aceitou-os como ofertas de holocausto; no tempo do seu julgamento hão de brilhar, como centelhas que correm no meio do canavial (Sb 3, 1-7).

Algumas traduções bíblicas trazem, em vez de “Ele os provou como ouro na **fornalha**”, “Ele os provou como ouro no **crisol**”. Crisol é um recipiente no qual o ouro é purificado. No Céu só entra quem estiver completamente puro. Daí a pergunta: quem de nós conseguirá estar totalmente purificado quando for encontrar-se com o Senhor face a face? Quem de nós não precisará passar por esse crisol?

Aliás, esta é uma grande graça: a possibilidade de sermos purificados, depois da morte, das muitas pequenas impurezas que

levaremos conosco. Essa possibilidade de uma purificação após a morte, essa maravilhosa chance que a infinita misericórdia nos concede é a realidade sobrenatural que chamamos de *purgatório*.

O Catecismo da Igreja Católica no parágrafo 1030 nos afirma claramente essa doutrina:

“Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrarem na alegria do Céu”.

E para ficar mais clara a nossa compreensão, o próprio Catecismo faz uma citação de São Gregório no parágrafo 1031:

No que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador, segundo o que afirma aquele que é a Verdade, dizendo que, se alguém tiver cometido uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem no presente século nem no século futuro (Mt 12,31). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século presente, ao passo que outras, no século futuro (São Gregório Magno, Dial. 4,39).

O próprio São Francisco de Assis dizia que não entraria no Céu sem passar pelo purgatório. Ele precisaria da misericórdia de Deus. Imaginava que depois da morte precisaria passar por uma longa purificação. Por isso, ele queria morrer mártir, porque o martírio faz a pessoa voltar à inocência batismal, purifica-a completamente e a leva direto para o Céu. Sua purificação é o próprio martírio, por isso o mártir não necessita de outro tipo de purificação.

Se São Francisco de Assis achava que iria passar por um duro purgatório, imagine nós!

Deus usa de misericórdia para conosco. Ele nos dá a chance de, mesmo depois da morte, ser purificados pelos infinitos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Impressionante é que desde o Antigo Testamento acreditava-se na possibilidade de uma purificação depois da morte. Muitas vezes somos criticados por rezar pelos mortos (é claro que nós não rezamos para eles, mas pedimos a Deus por eles), mas precisamos fazê-lo, porque aqueles que foram para o purgatório não podem fazer mais nada por si; o tempo da misericórdia terminou e agora entraram na dimensão da divina justiça. Por não estarem prontos para entrar no Céu, precisam passar pelo purgatório. Precisam

passar pelo “crisol” e receber as orações da Igreja. Eles dependem de nossas orações e sacrifícios, e, principalmente, que ofereçamos a eles a renovação do único sacrifício de Jesus em cada Missa.

Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos mortos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico, a fim de que, purificados, eles possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos mortos:

Levemos-lhe socorro e celebremos a sua memória. Se os filhos de Jó foram purificados pelos sacrifícios de seu pai, por que duvidar que a nossa oferenda em favor dos mortos lhes leva alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer as nossas orações por eles (São João Crisóstomo).

A realidade e a doutrina do purgatório são delineadas com muita clareza no segundo livro dos Macabeus. Pena também que os nossos irmãos evangélicos não tenham em suas Bíblias esse livro. Não tendo os livros históricos dos Macabeus e o livro da Sabedoria, eles se privam das bases bíblicas a respeito da existência do purgatório.

O exército de Judas Macabeu foi para a batalha, guerreou e venceu:

Tendo depois reunido seu exército, Judas atingiu a cidade de Odolam. Chegado o sétimo dia, purificaram-se conforme o costume, e ali mesmo celebraram o sábado. No dia seguinte, como a tarefa era urgente, os homens de Judas foram recolher os corpos dos que tinham morrido na batalha, a fim de sepultá-los ao lado dos parentes, nos túmulos de seus antepassados. Foi então que encontraram debaixo das roupas dos que tinham sucumbido, objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia, coisa que a Lei proíbe aos judeus (2Mc 12, 38-40).

No ardor da luta, por cobiça, alguns judeus acabaram se apossando de objetos de ouro e prata que se encontravam juntos aos corpos vencidos, mas que eram consagrados aos ídolos. Deus os havia proibido de fazer isso; não deviam tomar como despojos os ídolos dos pagãos, mas, por fraqueza, eles os pegaram.

Quando trouxeram para Judas Macabeu todos aqueles ídolos, ele ficou muito pesaroso, mas, ao mesmo tempo, viu que aqueles judeus eram homens de Deus que haviam caído em tentação. Estavam batalhando por Deus e foram dignos Dele, tanto que deram a vida por Ele, mas, por fraqueza, haviam caído em tentação.

Ficou evidente a todos a razão pela qual os soldados haviam perecido. Eles morreram porque haviam pecado fazendo aquilo que lhes era proibido:

Foi então que encontraram, debaixo das roupas dos que tinham sucumbido, objetos consagrados aos ídolos de Jâmnia, coisa que a Lei proíbe aos judeus. Então ficou claro, para todos, que foi por isso que eles morreram. Mas todos louvaram a maneira de agir do Senhor, justo Juiz, que torna manifestas as coisas escondidas. E puseram-se em oração, pedindo que o pecado cometido fosse completamente cancelado. Quanto ao valente Judas, exortou o povo a se conservar sem pecado, pois tinham visto com os próprios olhos o que acontecera por causa do pecado dos que haviam sido mortos. Depois, tendo organizado uma coleta individual, que chegou perto de duas mil dracmas de prata, enviou-as a Jerusalém, a fim de que se oferecesse um sacrifício pelo pecado: agiu assim, pensando muito bem e nobremente sobre a ressurreição (2Mc 12, 40-43).

Judas mandou oferecer um sacrifício pelos mortos que, infelizmente, haviam caído em tentação e pecado. Mais adiante, a Palavra revela que se ele não acreditasse na ressurreição, teria sido supérfluo rezar pelos mortos:

De fato, se ele não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria supérfluo e vão orar pelos mortos. Mas, considerando que um ótimo dom da graça de Deus está reservado para os que adormecem piedosamente na morte, era santo e piedoso o seu modo de pensar. Eis por que mandou fazer o sacrifício expiatório pelos falecidos, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado (2Mc 12,44-46).

Ele mandou que se oferecesse um sacrifício expiatório por aqueles mortos, para que fossem absolvidos de seus pecados.

Portanto, ficam claras, ainda no Antigo Testamento, no livro dos Macabeus, a realidade do purgatório e a possibilidade de as pessoas serem absolvidas de suas faltas, após a morte, pelos infinitos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os sacrifícios antigos foram substituídos pelo grande e único sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é renovado em cada Missa. Por isso, desde o começo da Igreja, já se oferecia o santo sacrifício da Missa em expiação dos pecados daqueles que haviam morrido.

Retomo aqui a doutrina claramente apresentada pelo Catecismo da Igreja Católica no parágrafo 1030:

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do Céu.

A verdade do purgatório é doutrina bíblica. Essa doutrina foi também estudada por vários Concílios Ecumênicos, como nos mostra o parágrafo 1031 do Catecismo:

A Igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença e de Trento. Fazendo referência a certos textos da Escritura, a tradição da Igreja fala de um fogo purificador.

Quanto tempo faz que você não reza pelos seus falecidos? Muitas pessoas choram, mas não rezam. Quanto tempo faz que você não manda celebrar Missa pelos seus mortos? Quanto tempo faz que você não pensa na existência do purgatório, nessa linda possibilidade de, após a morte, sermos purificados dos nossos pecados?

Purgatório vem do latim *'purgare'*, que significa purificar. Purgatório, portanto, é a possibilidade de purificação que Deus nos concede, após a nossa morte, por causa dos méritos de Cristo. Para essa purificação acontecer, os mortos precisam passar por sofrimentos sensíveis comparados ao fogo.

Os santos dizem que o fogo do purgatório é semelhante ao do inferno, com a diferença de que este último é para os condenados, portanto, para o tormento deles. O fogo do purgatório, porém, é para os que se salvaram, mas não estão ainda totalmente purificados. O fogo do purgatório torna-se para eles purificação e redenção. As almas sofrem terrivelmente, mas como o ouro que passa pela purificação.

O ouro, para ser purificado, deve ser submetido a uma temperatura altíssima. Só assim as impurezas se separam dele e o deixam puro. E é assim que acontece com todos os que passam pelo purgatório: são purificados pelo fogo.

Você está completamente purificado para se apresentar diante do Senhor, justo juiz? Você já fez suficiente penitência pelos seus pecados? Já reparou as consequências desastrosas deles? Já

reconstruiu aquilo que seus pecados acabaram destruindo na vida de seus irmãos?

É claro que Deus perdoa as nossas faltas, mas fique atento a esta comparação: caso você entre na casa de alguém e destrua móveis, roupas, coloque fogo em tudo, depois se arrependa e peça perdão, se a pessoa aceitar, perdoado você estará. Porém, a casa já foi destruída e precisará ser refeita. Você necessitava do perdão, mas agora deverá ajudar o dono da casa a restaurar o que foi destruído.

Quando vivemos situação semelhante diante de Deus, temos muito mais responsabilidade ainda, porque as consequências dos nossos pecados são muito maiores e atingem pessoas e não coisas. Os pecados que cometemos contra a castidade, por exemplo, causam grandes prejuízos a pessoas. E quanta gente sofreu, ficou marcada, enveredou por caminhos errados por coisas que fizemos! Quantas meninas jogadas, desiludidas com a vida por causa de homens! E isso fica assim mesmo? É claro que Deus perdoa, mas há uma parte que cabe a nós. É preciso fazer o reparo. Assim como a pessoa que destruiu a casa de alguém é agora responsável por reconstruí-la, somos responsáveis pela reconstrução daquilo que nossos pecados destruíram.

Para Deus precisamos fazer grande penitência. É necessário praticar muitas coisas boas para tentar reparar o mal que fizemos aos nossos irmãos, à Igreja, à sociedade... ao mundo!

Pode ser que você não consiga mais refazer aquela menina ou aquele rapaz de quem você abusou sexualmente. Talvez não consiga fazer mais nada, porque já perdeu o contato. Mas isso não pode ficar assim. Você precisa fazer algo muito especial, porque prejudicou alguém que é filho de Deus.

E se você, em vez de entrar na casa de alguém, tivesse entrado, por exemplo, no museu do Ipiranga, em São Paulo, onde há muitas riquezas e um patrimônio nacional? Imagine se num gesto de loucura você destruísse e colocasse fogo em tudo. Destruiria assim um patrimônio nacional!

Já o nosso pecado destrói um patrimônio da humanidade: pessoas que são filhas de Deus.

Como ficam essas injustiças que cometemos quando saímos por aí falando mal dos outros, caluniando, mentindo, contando o que não devíamos contar? Como ficam a honra e o nome das pessoas?

Nós também, como pais, cometemos muitos erros. Quantas marcas ocasionamos nos nossos filhos com o nosso procedimento? Muitas vezes batemos neles só porque estávamos bravos e irritados com outras coisas. Não controlamos nosso temperamento e descontamos nossa frustração neles! Quantos pais alcoólatras arrasaram a vida dos filhos, das esposas e de sua família! Todas essas coisas vão ficar por isso mesmo? Não! Um patrimônio foi lesado. Nós nos convertemos, fomos perdoados, mas a situação não pode ficar assim. É preciso reconstruir. É preciso reparar, de alguma forma, o que destruimos.

Um caso exemplar de justiça é o que um juiz de direito de uma comarca costumava fazer com os jovens que, em arruaças, depredavam telefones, jardins, praças, monumentos e outros bens públicos. Ele os punia fazendo com que nas horas extras, depois do trabalho e dos estudos, e especialmente nos fins de semana, eles trabalhassem duramente nesses lugares da cidade que haviam depredado.

Deus não é menos justo do que o juiz daquela cidade. Às vezes pensamos que Deus é “trouxa”, mas as coisas não podem ficar como estão. É exatamente aí que percebemos a grande misericórdia Dele naquilo que a Igreja chama de *indulgência*.

Certamente, mesmo que você se penitenciasse a vida inteira, não conseguiria reparar os danos que cometeu ao “patrimônio da humanidade”; os filhos e as filhas de Deus que você lesou.

É por isso que Deus, em sua imensa bondade e misericórdia, nos dá a possibilidade das *indulgências*.

Todas as nossas orações, boas obras, todos os méritos dos santos que já estão nos céus, os méritos da Santíssima Virgem e especialmente os méritos infinitos de Nosso Senhor Jesus Cristo ficam como que depositados no “*tesouro da Igreja*”, e ela, que recebeu do Senhor o poder de ligar e desligar na Terra e no Céu, pode retirar desse tesouro os méritos que não temos, para saldar a dívida pelas consequências dos pecados que cometemos, e não somos capazes de pagar inteiramente.

É mais uma consequência da infinita misericórdia de Deus para conosco. Suponhamos que um rapaz tenha depredado telefones públicos, vidraças de bancos, jardins, casas particulares. Ainda que ele trabalhasse muitos anos fazendo horas extras, não conseguiria

pagar todo o prejuízo que causou. Então, a mãe daquele rapaz, com algumas senhoras da cidade tomam a iniciativa de coletar dinheiro para pagar o que ele não conseguirá com seu trabalho. O dinheiro arrecadado pelas senhoras vai para as mãos do juiz, que o usará na reparação daquilo que o rapaz depredou e destruiu.

Quanto custa um rapaz que, abusado sexualmente quando era menino, torna-se um homossexual, envolve-se com drogas, bebidas, enfim, leva uma vida toda estragada? Quanto custa uma menina deflorada pelo namorado que, irresponsavelmente, a engana e depois a larga grávida? Mesmo que o namorado assuma a criança (e assumir não é somente dar o nome e a mesada), como é que fica a vida da garota? E a educação da criança criada sem pai? E se essa menina, depois de enganada, se perde na vida e, por causa de sua carência afetiva, começa a se entregar para qualquer um?

Quantas horas extras custaria isso? Não há hora extra que pague, porque é a vida de filhos de Deus.

Imagine se alguém saísse por aí falando mal de você, contando mentiras a seu respeito, levantando calúnias. Você deixaria sua honra ser jogada ao vento? Qual é o preço que esse mentiroso, caluniador desleal, precisa pagar para restaurar a sua honra?

Na verdade, não há dinheiro que pague! Por isso tudo, chegamos a uma importante conclusão: só com uma vida inteira de busca contínua de santidade é que conseguiremos tentar reparar os estragos que fizemos com nossas loucuras e nossos pecados.

Todos nós precisamos bater no peito e dizer: “Minha culpa, minha tão grande culpa!”, pelas barbaridades que cometemos durante toda a nossa vida!

É claro que Jesus nos perdoa, mas reparar as consequências dos nossos pecados cabe a nós. Só conseguiremos reparar tudo aquilo que de mal fizemos pela santidade de nossa vida. Somente enchendo os cofres da Igreja de santidade é que conseguiremos reparar.

Portanto, ou santos ou nada! Sejamos sinceros, se Francisco de Assis se achava tão pecador, como é que nós vamos nos sentir diante do Senhor, o Justo e Santo?

Veja, a realidade do purgatório, a possibilidade que Deus nos concede de expiar as consequências dos nossos pecados, após a

morte, é resultado da infinita misericórdia divina, que sabe que não podemos reparar os danos que nossos pecados causaram durante a nossa vida. Rezemos:

*Obrigado, Senhor, porque queres a misericórdia!
Obrigado, Senhor, porque disseste: “Essa é a vontade do meu
Pai, que não se perca nenhum daqueles que Ele me deu”.*

Que bom, Jesus, que o Senhor veio para exercer a misericórdia: que ninguém se perca, mas, pelo contrário, que todos sejam ressuscitados. Tu queres a minha ressurreição, por isso eu preciso corresponder com santidade.

Nós só podemos ser santos! Eu preciso ser santo! Senhor, eu quero ser santo diante da tua misericórdia.

Quando olhamos para todos os santos que estão no Céu, quando vemos a Igreja padecente no purgatório e olhamos para a nossa própria vida, por sermos Igreja militante, Igreja combatente, sentimos que precisamos ser santos.

Então, derrama, Senhor, sobre a nossa vida o teu Espírito de santidade. Jesus, enche-nos com o teu Espírito Santo. Batiza-nos com teu Espírito Santo, para que sigamos firmemente nos caminhos da santidade, porque temos muito para reparar e refazer. Somente com muita santidade é que conseguiremos reparar, em parte, o mal cometido.

Obrigado, Senhor, porque queres a misericórdia e não o sacrifício. Derrama sobre nós o teu Espírito Santo, encha-nos com o Espírito Santo, para que tenhamos vida nova. Que sejamos cada vez mais santos, porque tu és santo.

Doutrina sobre o purgatório

Ao contrário do que muitos pensam, o purgatório não é um lugar, mas um estado. As almas precisam de purificação, porque a Palavra de Deus diz que “não entrará (no Céu) nada de profano nem ninguém que pratique abominações e mentiras, mas unicamente aqueles cujos nomes estão inscritos no livro da vida” (cf. Ap 21,27).

No purgatório, a alma enxerga a tibieza em que viveu na Terra, sente profundo arrependimento de seus pecados e rejeita as paixões

do mundo a que estava apegada. A alma sente sede de Deus, amor intenso e vontade de estar na sua presença. Ela sofre por ter sido negligente e por não estar ainda na companhia do Senhor.

O que sofrem as almas do purgatório?

Elas sofrem de mil maneiras diferentes. Há tantos “tipos” de purgatório quantas são as almas. Cada alma sente nostalgia de Deus e esta é a mais lancinante dor. Além disso, cada alma é corrigida naquilo e por aquilo que a fez pecar.

As almas querem purificar-se no purgatório como o ouro no cadinho. Podemos imaginar uma jovem indo despenteada a uma festa e com roupas sujas? A alma que está no lugar de purificação tem uma imagem tão fulgurante de Deus, que lhe apareceu numa beleza, numa pureza tão esplêndidas, tão deslumbrantes, que todas as forças do Céu não conseguiriam movê-la para apresentar-se diante de Deus até que subsista nela a mínima mancha. Somente uma alma luminosa, perfeita, ousa ir ao encontro da luz eterna e da perfeição divina para contemplar Deus face a face.

Quais os pecados mais severamente punidos no purgatório?

Os pecados contra a caridade: maledicência, calúnia, rancor, querelas provocadas pela ambição e pela inveja são severamente punidas no outro mundo. Cuidemos para não criticar ou rir de alguém, isso prejudica gravemente nossa alma.

Quantas vezes as pessoas lamentam-se que não são ajudadas nem um pouco pelos jovens. Mas aos jovens não ocorre que poderiam ajudar o vizinho necessitado. Esquecem-se que as obras de caridade têm a maior recompensa no Céu.

Uma palavra pode matar ou curar. O amor cobre uma multidão de pecados. Tenhamos caridade, sobretudo com nossos inimigos. Sermos bons com quem nos faz o bem é coisa que os pagãos também fazem, diz Cristo. Mas fazer o bem àqueles que têm por nós sentimentos hostis, eis a verdadeira atitude cristã; isso é o que o Salvador nos pede.